



# VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

---

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

---

**TRAJECTÓRIAS-TIPO DOS JOVENS IMIGRANTES E DESCENDENTES DE IMIGRANTES: PERCURSOS  
LABORAIS E DE VIDA**

---

CERDEIRA, Maria da Conceição

Professora Associada

ISCSP-CAPP

mcerdeira@iscsp.utl.pt

---

KOVACS, Ilona

Professora Catedrática

ISEG-SOCIUS

ilona@iseg.utl.pt

---

EGREJA, Catarina

Mestre em Economia Social e Solidária

SOCIUS e Instituto Superior Técnico,

cegreja@gmail.com

---



## Resumo

O fluxo de imigrantes para o nosso país nas últimas três décadas constitui um dos aspectos mais relevantes da demografia portuguesa. O conhecimento da forma como a sua socialização e a sua integração vêm a processar-se é por tal facto da maior relevância. Nesta comunicação aborda-se esta problemática, centrando a análise sobre a camada populacional dos jovens dos 15 aos 30 anos e que partiu das seguintes interrogações: serão os jovens imigrantes e os descendentes de imigrantes mais afectados do que os “jovens nacionais” por percursos laborais e de vida mais irregulares e problemáticos? Quais as «trajectórias-tipo» de uns e de outros? Qual a percepção destes jovens sobre as suas condições de trabalho e de vida?

A análise de 30 biografias de jovens de ambos os sexos, residentes na Área Metropolitana de Lisboa, a exercer actividade em subsectores representativos das novas tendências no sector dos serviços, mais precisamente em *call centers*, centros comerciais e cadeias de *fast-food*, mostrou que os percursos tipo não se confinam a determinadas categorias de jovens, mas em cada tipo de percurso encontramos jovens nacionais, descendentes e imigrantes. A posição ocupada pelas famílias na estrutura social e o nível de escolaridade destes jovens são os principais factores que explicam os padrões de inserção profissional. A mudança entre empregos precários, o desemprego e o receio de perder o actual emprego é transversal às três categorias de jovens estudadas.

## Abstract

The flow of immigrants to our country in the last three decades is one of the most relevant aspects of Portuguese demography. The knowledge of how their socialization and integration have to take place is for this reason of great importance. In this paper we address this issue, focusing the analysis on young people aged 15 to 30 years. We left the following questions: are the young immigrants and descendants of immigrants affected more than the "young domestic" by more irregular and problematic working and living trajectories? What are the "standard paths" of each others? What is the perception of these young people about their working and life conditions?

The analysis of 30 biographies of young people of both sexes, living in the Lisbon Metropolitan Area, working in fields, foster new trends in services, specifically call centers, shopping centers and fast food, showed that the standard pathways are not confined to certain categories of youth, but in every type of path we find young nationals, descendants and immigrants. The social origin, i.e. the place occupied by families in the social structure and the educational attainment of these young people are the main factors that explain the patterns of insertion into the labour market. Switching between precarious jobs, unemployment and fear of losing their current job is transversal to the three categories of young people studied.

Palavras-chave: Jovens; Imigrantes; Precariedade; Trajectórias profissionais; Condições de trabalho.  
Keywords: Youth; Immigrants; Precariousness; Career paths; Work conditions.



## 1. Introdução

O fluxo de imigrantes para o nosso país nas últimas três décadas constitui um dos aspectos mais relevantes da demografia portuguesa. De acordo com os resultados dos Censos de 2011, a imigração contribuiu para mais de 90% do crescimento (182.100 pessoas) da população portuguesa nos últimos dez anos. Por seu lado, o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) registou um crescimento do número de estrangeiros de 108 mil, em 1990, para 450 mil em 2009, o que, em termos relativos, representa a passagem de 1,1% para 4,2% do peso da população total.

Desde os anos 70 que o estudo dos modos de incorporação laboral dos imigrantes vem a chamar a atenção para a sua sobre-representação nos trabalhos habitualmente designados de 3 D's (*dirty, demanding and danreros*), de modo semelhante a outros grupos vulneráveis, como os jovens, mulheres e os trabalhadores pouco qualificados (Piore, 1979; Portes, 1981 e 1999). A conjugação de alguns destes atributos reforça as condições de vulnerabilidade (Phizacklea, 1983; Kovács *et al.*, 2005). Porém, se os imigrantes têm estado concentrados nos segmentos mais precários dos mercados de trabalho mesmo nos trinta gloriosos anos pós-guerra, a sua vulnerabilidade agravou-se com a desregulação do mercado de trabalho e com o aumento da procura pela mão-de-obra barata no contexto da intensificação concorrência em mercados globais nas últimas décadas (Portes *et al.*, 2002; Vertovec, 2004) e ainda mais com a crise económica mundial desde 2008 (Phizacklea, 2005; Koehler *et al.*, 2010; Papademetriou *et al.*, 2011; Peixoto e Iorio, 2011).

Apesar de a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho ter sido abordada sob muito diferentes perspectivas, o estudo tem sido mais escasso em relação aos modos de inserção laboral dos jovens imigrantes e descendentes de imigrantes. Este tema é sobretudo relevante em comunidades caracterizadas por elevada importância de jovens, como ocorre com a brasileira; ou naquelas onde o peso das segundas e terceiras gerações já é significativo, como ocorre com a cabo-verdiana. Os trabalhos disponíveis sobre os jovens descendentes de imigrantes têm incidido, até hoje, principalmente sobre o tema da escolarização e desigualdade de rendimento escolar, só há pouco tempo se tendo começado a debruçar sobre os percursos laborais (ver, por exemplo, Machado, 2006 e 2008; Machado e Azevedo, 2009; Egreja e Peixoto 2011). O facto de só agora uma fracção significativa dos jovens de origem imigrante se estar a inserir no mercado de trabalho justifica o carácter recente destes estudos. Há uma lacuna quanto ao conhecimento sobre os processos de transição para a vida activa e mobilidade socioprofissional destes segmentos.

Esta lacuna é ainda mais significativa porque os modos de inserção laboral dos jovens em geral têm sido objecto de crescente atenção, tanto na Europa como em Portugal (ver, por exemplo, Eurostat, 2009; Guerreiro e Abrantes, 2004; Alves, 2008 e 2009; Alves, Cantante, Baptista e Carmo, 2011). A categoria social dos “jovens” tem sido uma daquelas onde a vulnerabilidade aos modos de flexibilização das relações laborais tem sido mais acentuada. A constatação que os jovens são recorrentemente mais afectados por vínculos temporários de trabalho, desemprego e horários anti-sociais é um dos exemplos dessa asserção (Kovács e Cerdeira, 2009). Uma vez que também a categoria dos imigrantes é geralmente penalizada nesses domínios, importa analisar de que modo uma possível dupla penalização pode afectar os recursos e oportunidades de vida desta camada populacional, em particular os imigrantes e descendentes de imigrantes jovens. Por outras palavras, serão os “jovens imigrantes” e os “descendentes de imigrantes” mais afectados do que os “jovens nacionais” por percursos laborais e de vida mais irregulares e problemáticos, ou seja, estarão mais sujeitos a situações de desemprego e a formas de emprego flexíveis e precarizantes?

Esta comunicação centra-se na análise de percursos sociolaborais-tipos identificados através da análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas a uma amostra de jovens, utilizando alguns resultados de um estudo recente intitulado Percursos Laborais e de Vida de Jovens Imigrantes e Descendentes de Imigrantes nos Novos Sectores de Serviços (Protocolo SOCIUS/ACIDI). O estudo abrangeu a Área Metropolitana de Lisboa e subsectores de serviços portadores de novas tendências, mais precisamente: *call centers* (telecomunicações de voz, dados de apoio técnico a equipamento de hardware e software - *middle e back offices* e telecomunicações de voz - *front office*), novas formas de comércio (desde as grandes superfícies

alimentares e especializadas - desporto, bricolage, perfumarias, vestuário, etc. - até aos centros, galerias e condomínios comerciais) e novas formas de restauração (*fast-food*).

## **2. Tipos de percursos e condições socio laborais**

A tipologia dos percursos e condições sociolaborais foi elaborada com base na análise das narrativas das histórias de vida dos jovens. Estas narrativas foram obtidas através da realização de entrevistas semi-directivas, incidindo sob os mais variados aspectos dos percursos de vida dos jovens, incluindo: o processo de migração (no caso dos imigrantes), a origem social, o trajecto escolar, o percurso profissional, as redes de sociabilidade, as relações inter-étnicas e discriminação, condições de vida, situação familiar, conciliação entre o trabalho e vida privada e as expectativas futuras de trabalho e de vida (5 anos).

Constituída de acordo com os objectivos do estudo, a amostra integrou 30 jovens, com idades compreendidas entre os 16 e 30 anos. Estes jovens foram seleccionados em igual número nos três subsectores acima referidos (10 em cada subsector), através da técnica de bola de neve, ou seja, alguns contactos foram-nos cedidos por informadores chave; outros jovens foram abordados em contexto de trabalho; e outros ainda foram-nos encaminhados por jovens previamente entrevistados. Dentro de cada subsector, levou-se em conta uma repartição equilibrada de jovens de ambos os sexos e das três categorias em foco, isto é, “jovens nacionais” ou “nativos”, “jovens descendentes” e “jovens imigrantes”.

Todavia, a delimitação das três categorias levanta alguns problemas conceptuais. Não existindo uma solução única, uma vez que os conceitos se encontram em permanente evolução (sobretudo quando falamos em descendentes de imigrantes), acabámos por adoptar os critérios definidos por Machado e Matias (2006) e Seabra *et al.* (2011). Assim, considerámos “jovens descendentes” os nascidos em Portugal ou que vieram muito jovens, enquadrados num projecto de imigração familiar, isto é, os que são habitualmente designados por “segunda geração” ou “geração 1,5”; “jovens imigrantes” os que vieram para Portugal com mais de 15 anos (idade mínima para trabalhar), geralmente por sua iniciativa e “jovens nacionais” ou “jovens nativos” os nascidos em Portugal, filhos de pai e mãe portugueses.

A análise transversal das entrevistas permitiu a caracterização das diferentes dimensões do percurso socioprofissional dos jovens, evidenciando a sua diversidade. Por sua vez, a análise longitudinal permitiu examinar como se articulam essas mesmas dimensões. A partir dessa análise multidimensional e longitudinal foram identificados os seguintes quatro tipos de percursos:

1. Percurso sociolaboral de integração e desenvolvimento
2. Percurso sociolaboral pautado por dificuldades mas futuro com “possibilidades”
3. Percurso sociolaboral de estabilidade ameaçada
4. Percurso sociolaboral precário e futuro sombrio

Seguidamente apresentamos as principais características destes tipos de percursos, bem como os trajectos de alguns dos jovens que ilustram cada um dos tipos de percurso. Por constrangimentos da dimensão da comunicação, apenas são apresentados percursos de jovens imigrantes e descendentes de imigrantes e estes ainda em número muito limitado.

### **2.1 Percurso socio laboral de integração e desenvolvimento**

Os jovens com este tipo de percurso beneficiam à partida de condições económicas e/ou culturais acima da média e que são facilitadoras de transições mais pacíficas dos jovens para a vida adulta. Essas condições estimularam e favoreceram percursos escolares longos, alguns ainda em desenvolvimento. Assim, os jovens são detentores de níveis de qualificação escolar elevados (licenciatura, mestrado) em áreas consideradas estratégicas. Têm capacidade de adaptação às novas exigências do mercado de trabalho, investindo na actualização de conhecimentos e/ou acumulando cursos e acções de formação complementares. No campo profissional têm condições e oportunidades para optar entre empregos, que permitem utilizar e desenvolver

os seus conhecimentos. A auto-realização e o desenvolvimento profissional estão entre as principais razões da mobilidade voluntária entre empregos; o conteúdo do trabalho que desenvolvem é qualificante, promovendo e exigindo aprendizagem contínua.

As qualificações e as competências detidas conferem-lhe poder de negociação do contrato de trabalho e, por conseguinte, possibilidades de ascenderem profissionalmente e obterem uma boa posição no mercado de trabalho. Auto-percepcionam muito positivamente as suas capacidades de trabalho. Não têm receio de perder o emprego. Estão convictos que no caso de tal acontecer arranjariam um outro igual ou melhor com facilidade.

Os jovens com este tipo de percurso têm propensão para se integrar em redes de sociabilidade, nomeadamente, em sindicatos e/ou em associações de actividades lúdicas. A autonomia financeira oferece-lhe condições para terem autonomia habitacional. Quando vivem com os pais é por opção e não por impossibilidade de sustentar um espaço habitacional próprio. Têm confiança no futuro no sentido da melhoria da vida no trabalho, da vida pessoal e da realização das suas ambições.

Dos trinta jovens entrevistados apenas dois (um nacional e um imigrante) apresentam um percurso com estas características.

### ***A dinâmica familiar no processo da imigração: o percurso do Alex***

Alex, 24 anos, nacionalidade ucraniana. É licenciado em Ciências Informáticas obtida no país natal. Veio para Portugal há cerca de 2 anos, num projecto de agrupamento familiar, uma vez que a então namorada, actualmente esposa, já se encontrava a residir em Portugal. Os pais têm formação escolar de nível superior e exercem profissões intelectuais e científicas (engenharia e telecomunicações) na Ucrânia.

No país de origem, o Alex teve várias experiências profissionais. As mais importantes foram numa gráfica a fazer mapas geológicos quando tinha 18 anos que abandonou pelo baixo interesse intelectual suscitado e numa empresa de software de programas informáticos (cálculo de salários, logística, sistemas CRM, etc.).

Em Portugal, poucos dias após à sua chegada ingressa no *call center* onde ainda se encontra, por via de uma ETT (empresa de trabalho temporário). Começou com contratos de apenas duas semanas; actualmente o contrato é de 6 meses. Inicialmente o seu trabalho consistia em fazer chamadas de *outbound*, passado pouco tempo passa também a fazer chamadas de *inbound* e correio electrónico e hoje faz de tudo um pouco, mas na língua inglesa. Considera que tem evoluído muito no trabalho e que este lhe tem permitido adquirir novas competências e conhecimentos. É sindicalizado e trabalha das 8h às 17h. O salário ronda os 700€. Gosta do trabalho que faz e não tem medo de perder o emprego. Considera-se um bom profissional e pensa que é dessa forma que os superiores e os colegas o percebem. Vive em Lisboa a poucos passos do emprego, mas pensa comprar casa numa zona calma dos arredores de Lisboa.

## **2.2 Percurso socio laboral pautado por dificuldades mas futuro com “possibilidades”**

Apresentam este tipo de percurso jovens de origem familiar operária e/ou de segmentos baixos da classe média dos serviços. Existe um forte incentivo familiar a seguir trajectos longos de escolaridade (licenciatura), como estratégia de mobilidade social ascendente. Porém, há dificuldades na transição do secundário para o ensino universitário público e, por vezes, resta apenas o ingresso em universidades privadas, o que para a maioria é fonte de insatisfação.

A generalidade entrou no mercado de trabalho pressionada pela necessidade de garantir a permanência na universidade (pagamento de propinas) e a sua subsistência, face à ausência de bolsa de estudos, escassez de recursos económicos e/ou problemas de familiares próximos (divórcio, doença, etc.). A mobilidade entre empregos precários, que para alguns já é longa, é encarada como uma fase transitória à espera da obtenção dos diplomas escolares. As vivências são marcadas por um forte conflito entre o trabalho, os estudos e os projectos pessoais de constituir família. Apesar disso, auto-percebem positivamente o seu futuro profissional e a sua vida pessoal.

No caso das categorias de imigrantes e descendentes de imigrantes esse futuro pode passar pelo retorno aos países donde são originários eles ou os seus descendentes.

Apresentam este tipo de percurso sociolaboral seis jovens que acumulam o trabalho com a frequência dos últimos anos de cursos superiores em universidades privadas, dos quais dois imigrantes, três descendentes de imigrantes e um jovem nacional.

### ***Sob o signo da precariedade à espera de finalizar os estudos superiores: o percurso da Idalina***

Idalina, 29 anos, cabo-verdiana, solteira e sem filhos. O pai, professor e político, incutiu-lhe o gosto pelos estudos. Terminou o secundário com 18 anos. Durante três anos concorreu a bolsas de cooperação com o objectivo de cursar Direito. Conseguiu uma bolsa para ir estudar para o Brasil, mas recusou-a por preferir estudar em Portugal. Veio para Portugal sem bolsa e foi viver com a irmã (já a residir em Portugal) para uma residência universitária. Algum tempo depois mudaram-se para uma casa alugada perto da cidade universitária, onde ainda reside, mas agora com um tio que tal como ela também veio estudar para Portugal.

Sem conseguir ingressar em Direito em universidades públicas, matriculou-se numa privada. Tinha então 21 anos. Desde então, vive o forte conflito entre a necessidade de trabalhar para garantir a sua sobrevivência, pagar as propinas (330€ mensais) e estudar. O seu percurso escolar será por essa razão muito irregular e mais longo do que o desejado.

Por intermédio de uma amiga ingressa no mercado de trabalho 4 meses após a sua chegada a Lisboa. Trata-se de um restaurante inserto num centro comercial. Trabalhou em *part-time* das 18h às 23,30h: primeiro como copeira, depois empregada de mesa, seguindo-se operadora de caixa e responsável de balcão. Ganhava 425€/mês. Permaneceu no restaurante até este falir (3 anos), mas esteve sempre com contratos a prazo (6 meses e um ano). Sucederam-se a seguir empregos pontuais, intercalados de períodos de desemprego, chegando por uma vez a beneficiar de subsídio de desemprego. Entre esses empregos pontuais contam-se: empregada de bar às Sextas, Sábados e Domingos, das 22h às 6h da manhã, onde ganhava 800€, mas que também faliu; inquéritos de rua e trabalho num *call center*. Na altura da entrevista era “arrumadora” num cinema, com um contrato de 6 meses com uma ETT. Ganhava 615€/mês e o horário era das 15,30h às 00,30h de Quarta a Domingo. Este horário permitia-lhe frequentar as aulas duas vezes por semana.

Afirma ter já passado privações, só minimizadas pelo apoio da mãe a quem recorre em último recurso. Confessa que a escassez de rendimentos a obrigou a restringir a sua alimentação a cereais. As experiências negativas fazem-na recear perder o emprego actual. As suas ambições estão projectadas para o retorno ao país natal, onde considera haver actualmente boas oportunidades de emprego, em especial em Direito Fiscal. Por tal motivo projecta fazer uma pós-graduação nessa área assim que terminar a licenciatura. Entre o trabalho e os estudos o tempo livre é escasso. Gasta 2h e 45 m em deslocações de casa para o trabalho. Refere já ter perdido namorados por não ter tempo para dedicar à relação. Pensa regressar a Cabo Verde, arranjar emprego, comprar casa, constituir família e ter filhos aos 35/36 anos.

### ***Um percurso marcado por uma fractura no joelho: o percurso do Ivo***

Tem 20 anos e nasceu em Lisboa. Os progenitores são moçambicanos e têm ambos a 4.<sup>a</sup> classe. A mãe é empregada doméstica e o pai é deficiente das forças armadas (pensionista militar). Lutou pelo lado português na Guerra Colonial. Alvos de alguma perseguição política depois da independência, vieram para Portugal em 1987. Projectando para o filho mais novo uma carreira militar, aos 10 anos, o Ivo ingressou nos Pupilos do Exército. Prosseguiu para a Academia Militar, mas teve que interromper o percurso académico devido a uma fractura no joelho. Por razões de calendário escolar (fecho de matrículas nas universidades públicas), ingressou em economia numa universidade privada, onde se encontra a frequentar o 3.º ano à noite porque habituado com a disciplina e a exigência da Academia Militar não se ambientou ao convívio e ambiente das aulas da manhã. Sente-se desiludido com a qualidade do ensino ministrado. Complementarmente, cursa inglês no Instituto Wall Street porque se candidatou a um curso de Engenharia Mecânica em Londres. Mesmo que não seja aceite considera que o domínio do inglês é uma mais-valia no futuro.

Começou a trabalhar com 19 anos em *catering* no estádio da Luz. Ganhava 35€ por jogo que corresponde a 6 horas de trabalho. É um trabalho muito simples que acumula com a de vendedor num bar de cinema às Sextas, Sábados e Domingos onde ganha 450€ mensais. Ambos os contratos são mensais, sendo o segundo

feito com uma ETT. Gosta de ambos os trabalhos. O primeiro porque lhe permite ver os jogos e conhecer muita gente. O segundo, pela componente remuneratória. No entanto, encara ambos como transitórios e não enquanto projectos de vida. Tem projectado regressar a Moçambique e desenvolver aí a sua carreira profissional; numa primeira fase, trabalhar em consultoria num negócio detido pela madrinha; depois constituir o seu próprio negócio com um colega. Em alternativa, trabalhar no no sector bancário.

### **2.3 Percurso socio laboral de estabilidade ameaçada**

Tal como no grupo anterior, os jovens cujos percursos decorrem sob o signo da estabilidade ameaçada são provenientes do operariado e de segmentos baixos da classe média dos serviços. A formação profissional e escolar são valorizadas numa estratégia de mobilidade ascendente. Apesar de incentivados pela família a estudar, os jovens não vão além do secundário (12º ano). Todos afirmaram estar insatisfeitos com a escolaridade obtida e cerca de metade frequentou acções de formação profissional complementar (informática, inglês, higiene e segurança e massagista), numa estratégia de obtenção de competências instrumentais complementares.

Estes jovens obtiveram contratos de trabalho permanentes, o que lhes confere um certo conforto. No entanto, as qualificações detidas não são de molde a conferir-lhes capacidade de negociação do contrato e das condições de trabalho. Assim, de uma forma geral, mostram-se insatisfeitos com as condições de trabalho e com o conteúdo do trabalho, o qual é caracterizado por tarefas de execução monótonas, repetitivas e cansativas. Este facto, conjugado com a ausência de perspectivas de carreira profissional e com um salário baixo, tende a gerar uma baixa satisfação geral.

A grande maioria vive ainda em casa dos pais ou familiares, em zonas pouco valorizadas, constrangida pelas baixas remunerações. Todavia, sobretudo os mais jovens, têm esperança no futuro e motivação para elaborar planos e procurar uma situação profissional melhor.

Inserem-se neste tipo de percurso seis jovens (dois da categoria imigrantes, três da categoria descendentes e um da categoria nacional).

#### ***Uma transição para o mundo do trabalho marcado pela maternidade: o percurso da Núria***

Núria, 28 anos, nasceu em Lisboa, num bairro degradado. Descende de pais cabo-verdianos, com a 4.ª classe, que imigraram à procura de melhores condições de vida. Vive com o companheiro e dois filhos, nos arredores de Lisboa. Estudou até ao 11.º ano na Escola António Arroio. Abandona a escola aos 19 anos, com a gravidez do primeiro filho. Hoje está insatisfeita com a escolaridade obtida. Frequentou o curso profissional de agente de prevenção local, por intermédio do centro de emprego da Amadora, que lhe permitia trabalhar com idosos, toxicodependentes e crianças. Não gostou da experiência profissional colhida durante o estágio.

As primeiras experiências de trabalho ocorreram durante as férias quando fez 16 anos. Repetiu a experiência em anos seguintes, mas apenas com o objectivo de ganhar algum dinheiro para os seus gastos pessoais. Tinha 20 anos quando ingressou na empresa onde ainda se encontra, por intermédio de uma amiga que aí trabalhava. Começou pela cozinha, tinha contrato de seis meses e ganhava o salário mínimo nacional. Hoje já é efectiva da empresa. Considera ter aí progredido. Ainda que a sua folha de vencimento registre a categoria de Operador Aprendiz até 5 anos de Empregada de Mesa, refere ser ela a responsável pelo estabelecimento. Ganha acima de 600€ e trabalha 8 horas diárias ou das 9h às 17,30h ou das 15,30h às 24 h, com dias de descansos rotativos. Considera as condições de trabalho más, em particular no que se refere ao espaço. Também aos fins-de-semana o trabalho é muito desgastante.

Conta com os pais quando se depara com algum problema maior. Nomeadamente, são eles que de uma forma geral acompanham as crianças à escola. Não é sindicalizada, não pertence a qualquer partido político nem a qualquer outra associação. Tem dificuldade em imaginar o seu futuro daqui a 5 anos. Pensa que apesar de gostar de encontrar outro emprego continuará onde está e que a família terá a mesma constituição.

### ***De um percurso escolar atribulado ao call center: o percurso da Dália***

Dália, 22 anos, ucraniana, casada, com uma filha de ano e meio. Descende de pais com curso superior, mas de recursos económicos limitados. O processo migratório melhorou um pouco os seus rendimentos, mas coloca-os em ocupações de baixa qualificação (serviços pessoais e sociais).

Veio para Portugal aos 14 anos e por essa razão teve um percurso escolar atribulado porque não dominava a língua portuguesa. Obteve pela via da formação profissionalizante o equivalente ao 9.º ano. Completou a sua formação com dois cursos: inglês e informática. Hoje reconhece que deveria ter feito um maior esforço de molde a completar pelo menos o 12.º ano.

Saiu de casa dos pais aos 19 anos, em conflito com os progenitores, entretanto divorciados. Ingressou num *call center* em 2007, por intermédio de uma agência de trabalho temporário. Actualmente desempenha funções na linha Passaporte atendimento em russo, prestando informações sobre serviços dos cartões de telemóveis (*roamings*, alteração de tarifários, etc.). Descreve o trabalho como muito stressante, afirmando chegar a atender quinze chamadas por hora. Além disso, os objectivos são mais exigentes e difíceis de atingir. Por exemplo, o que no passado passava apenas pelo preenchimento das fichas dos clientes (email, data de nascimento, etc.), hoje associa também a venda de serviços. Trabalha 32 horas semanais, com folgas às Quartas, Quintas e Sextas. A seu pedido e após o nascimento da filha tem um horário das 9h às 18h, como forma de harmonizar com o marido a permanência de um deles em casa.

O primeiro contrato foi de 3 meses, passou depois a contrato anual e agora é efectiva. Esta situação dá-lhe um certo conforto e orgulho porque não é essa a política da empresa. Atribui essa situação ao facto de ser muito responsável e nunca faltar ao emprego, mesmo doente. Para além disso, procura ser sempre simpática com os clientes, mesmo quando estes a injuriam. A remuneração com extras ronda os 550€. Não é muito, mas é seguro, afirma. Não ambiciona passar a responsável porque na sua perspectiva o salário adicional não compensa o acréscimo de responsabilidade e a elevada carga de trabalho.

Partilha com o marido (ucraniano) e a filha a casa dos sogros na periferia de Lisboa (a Sul do Tejo), mas têm projectado ir viver para uma casa que desejam comprar e para a qual juntaram já algum dinheiro para a entrada. Ambiciona igualmente ter mais filhos e espera que com a ida da filha para um infantário possa ter um pouco mais de tempo para si.

### **2.4 Percurso socio laboral precário e futuro sombrio**

De novo, neste percurso predominam jovens com origem social em famílias com baixos recursos económicos e escolares. Em geral, têm baixos níveis de escolaridade, reproduzindo a trajectória escolar dos pais.

Problemas familiares causados por rupturas e dificuldades e situações de emergência (pobreza, divórcio e/ou desemprego dos pais) impõem a sua entrada precoce no mercado de trabalho, como forma de obter autonomia financeira e/ou garantir o sustento da família. Aos problemas familiares junta-se ainda a fraca motivação para estudar. Desempenham tarefas repetitivas, monótonas, cansativas e, de uma forma geral, trabalham em horários designados de anti-sociais (noite, fim-de-semana e feriados). Apresentam baixas expectativas quanto ao percurso escolar e profissional. O percurso é descontínuo com empregos inseguros e mal pagos, existindo falta de perspectivas de carreira profissional. Têm intenção de retomar os estudos, mas os seus horários de trabalho dificultam ou impossibilitam esse objectivo.

Receiam perder o emprego, tendo consciência de que o seu baixo nível de escolaridade lhes coloca dificuldades acrescidas de encontrarem outro. Não têm espaço habitacional próprio, vivem sobretudo com a mãe divorciada, mas há outros jovens a viver com a avó ou com o pai. De uma forma geral, habitam em bairros algo degradados e problemáticos ou em zonas tradicionalmente periféricas; com algumas excepções não gostam da zona onde vivem.

Tomando em consideração o seu contexto familiar, bem como o trabalho intensivo sem interesse e mal pago, as dificuldades para aumentar o nível de qualificação, o futuro parece bastante sombrio devido ao elevado risco de ficar amarrado a um percurso de trabalho e de vida marcado pela precariedade e insegurança. Mais

de metade (16) dos entrevistados integram este tipo de percursos cinco jovens imigrantes, quatro jovens descendentes e sete jovens nacionais.

### ***Inserção precoce e futuro sem planos: o percurso do João***

João, 19 anos, descende de uma família de recursos modestos; a mãe é empregada de limpeza num hotel em Portugal e o pai trabalha na construção civil no Brasil. Nasceu no Brasil e veio para Portugal com a família aos 16 anos. Regressou ao Brasil um ano depois, mas passados 2 anos voltou novamente para Portugal. Fez a sua inserção profissional aos 12 anos como operário numa fábrica de confecção no Brasil. Conciliava o trabalho (das 8h às 15h), com a frequência da escola (das 18,30h às 22h) e o curso de computação das 22h às 23h. Permaneceu na fábrica de confecções durante um ano. Regressou à mesma fábrica após o retorno ao Brasil depois da sua primeira estadia em Portugal.

Em Portugal, depois de estar bastante tempo inactivo porque era demasiado novo para entrar formalmente no mercado de trabalho português e também porque não queria estudar, trabalhou informalmente com um amigo na construção civil (pintar casas). As condições de trabalho eram duras e ganhava muito pouco. Actualmente ganha 580€ e tem um contrato de 6 meses numa empresa de *fast-food*. Aqui desempenha todo o tipo de tarefas (limpeza, confecção de comida, atendimento, etc.) em horário repartido das 11h às 16h e das 19h às 23h, com uma folga semanal.

Não está nas suas preocupações constituir família tão cedo. Prefere mesmo não perspectivar o futuro, mas apenas viver o dia-a-dia. A única coisa que considera certa é o seu retorno ao Brasil. Ambiciona, ter uma vida tranquila e um trabalho “bom”, estável, preferencialmente na área da computação. Vive na periferia de Lisboa (linha de Sintra). Demora cerca de meia hora a chegar ao local de trabalho, mas já passou por outras lojas porque é política da empresa rodar os empregados pelos diferentes estabelecimentos. Vive com a mãe e uma irmã mais nova em idade escolar (13 anos) e considera que o trabalho o absorve completamente, quase não tendo tempo para estar nem com a família nem com os amigos ou para ir a passear/cinema.

### ***Entre a precariedade e o sonho de ser violoncelista: o percurso da Ana***

Ana, 25 anos, vive e nasceu em Odivelas. É filha de um agricultor de nacionalidade portuguesa e de uma funcionária pública de nacionalidade angolana. Os pais vieram para Portugal um pouco antes da independência de Angola à procura de melhores condições de vida. Fez o 12.º ano. Gostava de ter continuado para o superior, mas a mãe não a apoiou com o argumento de que “o papel da mulher é ficar em casa e cuidar do marido e dos filhos”.

Ingressa no mercado de trabalho com 18 anos num *call center* onde permaneceu até o departamento onde trabalhava ser transferido para Castelo Branco. Teve inicialmente um contrato de 6 meses com uma ETT, que se renovou automaticamente por mais seis meses e a seguir por 1 ano. Sentiu tristeza com a deslocação do departamento porque gostava do trabalho. Desde há 8 meses que tem um contrato com uma outra ETT, mas com duração apenas mensal o que, confessa, não lhe dá uma grande insegurança. Passou por mais cinco experiências de trabalho além das descritas: 3 em *call centers*, páginas amarelas e loja do cidadão (emissão e renovação de bilhetes de identidade/cartão de cidadão). Este desempregada várias vezes e chegou mesmo a receber subsídio de desemprego durante 10 meses. Considera esses períodos os piores da sua vida devido à escassez de rendimentos. De pouco lhe valeu a sua inscrição no centro de emprego.

A Loja do Cidadão é referida como a melhor experiência de trabalho (colegas espectaculares, trabalho fácil, bons horários e vencimento). Gosta também do trabalho actual (departamento de avarias de internet e televisão), mas considera-o muito exigente. Trabalha das 13h às 22 h, com folgas às Segundas e Terças. Ganha à volta de 650€ por mês. Considera que aprendeu bastante no emprego actual a nível de informática e internet, mas embora receie perder o emprego, não é ali que queria subir na carreira. Ambiciona tirar o curso superior de música e ser violoncelista numa orquestra. No entanto, é apenas um sonho porque o horário de trabalho actual não lhe permite frequentar as aulas de música.

## Conclusões

A análise das entrevistas permitiu identificar alguma diferenciação e segmentação dos jovens, havendo uma grande distância entre os jovens mais qualificados e os menos qualificados. Os jovens do segmento mais privilegiado mostram-se mais auto-confiantes e apresentam percursos de progressiva estabilidade profissional ligada a uma forte posição no mercado de trabalho (detentores de qualificações muito procuradas pelas empresas). Por sua vez, os jovens de segmentos menos qualificados, mesmo tendo um vínculo contratual estável, encontram-se numa posição frágil no mercado de trabalho. Devido ao seu baixo nível de escolaridade/qualificação, os seus trabalhos tendem a ser desgastantes, pouco interessantes, originando um rendimento muito baixo e incerto, falta de oportunidades de formação e de perspectivas de carreira.

O contexto familiar e nível de escolaridade são fundamentais, constituem a base para a acumulação de vantagens e desvantagens. A acumulação das vantagens começa pela origem em famílias com recursos escolares e económicos acima da média. Esta origem facilita e estimula estudos de nível superior em áreas consideradas estratégicas que favorecem a inserção no mercado de trabalho, permitindo a obtenção de competências muito procuradas pelas empresas. O trabalho é propiciador não apenas de um salário relativamente mais elevado, mas também de prazer e de auto-realização. Às vantagens na esfera do trabalho juntam-se as vantagens na vida privada, tais como a possibilidade de ter casa própria numa zona agradável, fazer planos para o futuro.

No pólo oposto, a origem em famílias com poucos recursos económicos e culturais constitui um ponto de partida para a acumulação de desvantagens. As dificuldades familiares e os baixos rendimentos familiares pressionam os jovens a abandonar os estudos e a procurar emprego. Porém, devido ao baixo nível da sua escolaridade, a sua inserção no mercado de trabalho é precária e sem perspectivas de melhoria. Ao trabalho cansativo acresce o tempo gasto em transportes, tornando difícil a vida quotidiana e deixando pouco tempo livre para a vida pessoal. Às desvantagens na esfera do trabalho juntam-se as desvantagens na vida privada: viver em zonas periféricas com poucos atractivos em termos de lazer e onde não dá prazer viver. Há uma tendência, apesar de uma melhoria ligeira, para a reprodução da trajectória escolar e profissional dos pais. As entrevistas revelam situações de partida difíceis, inserção precária no mercado de trabalho e falta de condições e oportunidades para romper com as situações de partida e, por conseguinte, para uma mobilidade ascendente.

A vida dos jovens com um percurso que sobrepõe o trabalho desinteressante e pouco desafiante com uma situação precária de emprego que ocupa grande parte do tempo apresenta-se desequilibrada, que se manifesta na falta de tempo para a vida pessoal e na falta de espaço habitacional próprio, o que faz com que não possam formular (ou são pressionados a adiar) projectos de vida, como constituir família ou ter filhos. E, por falta de perspectivas no contexto nacional, são vários os que apenas vêem uma solução para poder continuar o trabalho de que gostam e ter condições de trabalho e de vida decentes: regressar ao país de origem dos próprios ou dos progenitores.

Apesar dos dados estatísticos evidenciarem uma maior vulnerabilidade dos jovens imigrantes, as nossas conclusões, resultantes da análise biográfica das diferentes categorias dos jovens, vão ao encontro das conclusões de estudos sobre descendentes de imigrantes (Machado, 2006 e 2008). São sobretudo as posições estruturais ocupadas pelas famílias destes jovens, ligadas ao seu estatuto socioeconómico, que explicam os padrões de inserção profissional. Os jovens imigrantes e descendentes de imigrantes parecem ser afectados por problemas e constrangimentos semelhantes aos de todos os outros jovens da mesma condição social. Os diversos tipos de percursos, como vimos, não se confinam a determinados segmentos com base em critérios étnicos ou raciais.

Apesar de os jovens imigrantes apresentarem uma maior mobilidade entre empregos, do que os descendentes e os nacionais, a mudança entre empregos precários, o desemprego e o receio de perder o actual emprego atingem os três grupos. Existe um profundo descontentamento com a precariedade do emprego, que é entendido como um grande obstáculo para aceder a uma vida autónoma. Porém, o contexto económico e social actual favorece uma certa aceitação da precariedade por parte dos jovens. Ter o seu emprego, mesmo

precário, constitui de certo modo um privilégio, quando a oferta de empregos é escassa e quando existe o receio de perder o emprego.

Por último, as biografias dos jovens revelam que a maioria apresenta um trajecto escolar ascendente em relação aos pais, sendo o fenómeno mais comum no caso da categoria dos descendentes. Todavia, a realização deste potencial de mobilidade inter-geracional ascendente é bastante incerta, devido às tendências de evolução do mercado de trabalho. Assim, constamos que há uma mudança em relação aos pais em termos de profissão, mas isso não se traduz necessariamente numa mobilidade socioprofissional ascendente. De facto, parece haver uma tendência para a reprodução dos percursos sociolaborais dos pais, tendendo a prevalecer a mobilidade horizontal.

## Bibliografia

Alves, N. (2008). *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Alves, N. (2009). *Inserção profissional e formas identitárias*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Alves, N. A.; Cantante, F.; Baptista, I. e Carmo, R. M. (2011). *Jovens em transições precárias: trabalho, quotidiano e futuro*. Lisboa: Mundos Sociais.

Egreja, C. e J. Peixoto (2011). “Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada? A mobilidade socioprofissional dos imigrantes brasileiros em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 67, pp. 43-64.

Eurostat (2009). *Youth in Europe. A statistical Portrait*. (<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>, acedido em 13 de Dezembro de 2011).

Guerreiro, M. D. e Abrantes, P. (2004). *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: CITE.

Koehler, J. et al. (2010). *Migration and the Economic Crisis in the European Union: Implications for Policy*. Bruxelas: International Organization for Migration.

Kovács, I. e Cerdeira, M. C. (2009). “Calidad de empleo: ¿quiebra generacional versus quiebra societal?”, *Sociología del Trabajo*, 66, pp. 73-106.

Kovács, I. et al. (2005). *Flexibilidade de emprego - riscos e oportunidade*. Oeiras: Celta.

Machado, F. L. (2006). “Jovens como os outros? Processos e cenários de integração dos filhos de imigrantes africanos em Portugal”. In A. Vitorino (coord.). *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?- Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração*. Estoril: Principia, pp. 169-197.

Machado, F. L. (2008). “Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos”. *Migrações*, nº 2, ACIDI, pp. 121-158.

Machado, F. L. e Azevedo, J. (2009). “A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas”, *Migrações*, nº 4, ACIDI, pp. 7-31

Machado, F. L. e Matias, A. R. (2006). “Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica”. *CIES e-Working Papers*, nº 13.

Papademetriou, D. G.; Sumption, M. e Terrazas, A. (eds.) (2011). *Migration and the Great Recession: The Transatlantic Experience*. Washington: Migration Policy Institute.

Peixoto, J. e Iorio, J. (2011). *Crise, Imigração e Mercado de Trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência?* Lisboa: Principia/Fundação Calouste Gulbenkian.

Phizacklea, A. (1983). *One Way Ticket: Migration and Female Labour*. Londres: Routledge and Keagan Paul.

- Phizacklea, A. (2005). "O mercado de trabalho flexível e o trabalho incerto: o caso da migração". In I. Kovács (org.), *Flexibilidade de emprego - Riscos e Oportunidades*. Oeiras: Celta, pp. 161-177.
- Piore, M. (1979). *Birds of Passage. Migrant Labor and Industrial Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Portes, A. (1981). "Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration". In M. M. Kritz *et al.* (ed.). *Global Trends in Migration - Theory and Research on International Population Movements*. New York: Center for Migration Studies, pp. 279-297.
- Portes, A. (1999). *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras: Celta Editora.
- Portes, A. Guarnizo, L. e Haller W. J. (2002). "Transnational entrepreneurs: an alternative form of immigrant economic adaptation", *American Sociological Review*, vol. 67, nº 2, pp. 278-298.
- Seabra, T. (2011). *Trajectos e Projectos de Descendentes à Saída da Escolaridade Básica*. Lisboa: ACIDI.
- Vertovec, S. (2004). "Migrant transnationalism and modes of transformation", *International Migration Review*, vol. 38, nº 3, pp. 970-1001.